DIEGO VIANA
Jornalista, doutorando no Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da FFLCH/USP (Diversitas). Professor convidado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

A tecnofobia e a "civilização ecológica"

Ver no processo produtivo uma atividade que recolhe recursos naturais, gera um bem e cospe resíduos é um mau entendimento do gesto técnico. Mas é assim que o descrevemos



Em junho, centenas de cientistas, filósofos, juristas e outros pesquisadores se reunirão em Claremont, na Califórnia americana, para discutir um dos maiores quebra-cabeças contemporâneos, se não o maior: o que seria e como poderíamos construir uma "civilização ecológica"? Entre os expositores da conferência Seizing an Alternative (Agarrando uma Alternativa) estão arquitetos paisagísticos, agricultores ecológicos e representantes do governo chinês, alarmados com os índices de poluição no país.

A pergunta não é trivial. A civilização dificilmente se tornaria "ecológica" sem mexer nas raízes dos principais sistemas que a mantêm de pé: econômico, financeiro, jurídico, urbano, tecnológico. Essa dificuldade foi prevista em 1981, quando a consciência ecológica ainda engatinhava, pelo filósofo francês Gilbert Simondon. Em uma entrevista, perguntaram-lhe como avaliava o jovem movimento ambientalista. Ele manifestou simpatia, mas se mostrou preocupado com a possibilidade de que os ecologistas sucumbissem à tentação da tecnofobia. Para o filósofo, em vez de deplorar os malefícios do desenvolvimento tecnológico, o fundamental seria repensar o lugar do gesto e do objeto técnicos na existência humana.

Em 1958, Simondon lançara *Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos* (que terá sua primeira publicação no Brasil este ano, pela Editora Contraponto), em que denuncia o divórcio entre cultura e técnica nas sociedades modernas. Para o autor, desde a Revolução Industrial, a humanidade passou a ver suas produções não como parte inseparável de seu modo de estar no mundo, mas como um ser estranho, autônomo e fabuloso.

Por isso, desenvolveu uma relação alienada com suas próprias tecnologias, enxergando nelas apenas seu valor venal ou utilitário, e não seu valor intrínseco, como extensão da realidade humana e cristalização de gestos humanos. Daí emerge a assustadora mitologia em que autômatos e máquinas superpoderosas escravizam os humanos, vingando-se de quem até então não fora capaz de ver neles mais do que escravos.

Em outro texto, de 1959, o filósofo alertou que o verdadeiro progresso técnico é aquele que não incompatibiliza o que o humano "é" e o que ele produz. A técnica não deve ser vista como meio, nem mesmo para "aumentar o bem-estar", mas como ato, manifestação da relação entre o humano e o ambiente. O humano estimula o mundo que o circunda e é estimulado de volta, em uma evolução conjunta que, se transformada em exploração ou, nos termos de Descartes, dominação do homem sobre a natureza, conduz ao desastre, para nós e para o mundo.

Pensar a habilidade técnica como ato que manifesta nosso vínculo com a natureza não é tarefa fácil. Até hoje, não percebemos com clareza como os sistemas em que vivemos são sempre desdobrados em dois, tocando de um lado a realidade humana e, do outro, o mundo natural. Ver no processo produtivo uma atividade que recolhe recursos naturais, gera um bem e cospe resíduos é uma ilusão, um entendimento deficiente do gesto técnico. Mas é exatamente assim que o descrevemos.

Em 1983, Simondon zomba da "tendência monástica" do movimento ambiental, mas também saúda seu poder de criar novas orientações para o futuro criativo da humanidade. O cerne da questão é repensar as determinações de nosso modo de estar no mundo. Hoje, como alertam os organizadores da conferência californiana, estamos obrigados a escolher entre relacionar esses sistemas de um modo predatório ou de um modo compatível: a técnica alienada ou a técnica que reflete ao agir.

Felizmente, há bons exemplos. Na agricultura, poderíamos começar citando o suíço Ernst Götsch, que transformou com seus conhecimentos agroecológicos uma região do Sul da Bahia cujas terras tinham se tornado improdutivas. O jornalista americano Michael Pollan relata, no livro *O Dilema do Onívoro*, o caso da fazenda Polyface, cuja produtividade sem agrotóxicos é invejável. A arquitetura oferece exemplos promissores, como na obra de Thom Mayne, inserindo seus projetos de maneira cada vez mais harmoniosa no entorno.

Mas o campo daquilo que temos de repensar é infindável, a começar pela obsolescência programada e suas variantes, que espalham lixo pelo planeta. Eis uma demonstração de técnica mal usada, escravizada, desumanizada: não é um ato com que o humano se realiza como ser social e natural. É a técnica, uma das faculdades humanas mais brilhantes, submetida a imperativos de consumo, venalidade e desperdício, que só a fazem definhar.